

# UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO: O PATRIMÔNIO IMATERIAL NOS ESPAÇOS MUSEAIS

**Priscila Maria de Jesus**

priscilamdj@gmail.com

**Sura Souza Carmo**

suracarmo@yahoo.com.br

O presente artigo tem por objetivo levantar, de forma inicial, questionamentos sobre a musealização do patrimônio imaterial e o uso das novas tecnologias nos processos expositivos, tendo como museus analisados o Museu da Gente Sergipana, localizado em Aracaju/SE e o Museu do Círio, localizado em Belém/PA. Por meio de uma abordagem que busca analisar o próprio processo de musealização e seu conceito, o presente artigo faz um questionamento sobre o papel social dos museus em trazer para seus visitantes questões que perpassem a realidade do grupo social no qual está inserido.

Palavras-chave: Musealização, Patrimônio Imaterial, Novas Tecnologias, Expografia.

## INTRODUÇÃO

O ato de pensar em como a Tradição Oral e o Patrimônio Imaterial são sistematicamente representados dentro dos espaços museais pode suscitar uma série de questionamentos e possibilidades, sobretudo quando da possibilidade de representar o imaterial com o material.

Embora pensar uma prática de preservação do patrimônio Imaterial só tenha sido legitimada a partir do ano de 2000 no Brasil e 2003 na UNESCO, é importante salientar que todo objeto materializado tem sua parcela de imaterialidade presente e, que o registro do Patrimônio Imaterial veio para manter e preservar manifestações, sobretudo do dito popular, que ainda se mantêm na contemporaneidade.

Mas, o que se vê nos espaços museais, em sua grande maioria, é uma falta de abordagem e problematização das questões sociais dentro dos museus e em suas exposições, no qual a realidade dos grupos sociais e seus anseios e demandas não são representados ou vistos.

A partir dessas questões, o presente artigo visa abordar, de forma inicial, por meio de um relato histórico da evolução dos museus, que esse viés pouco voltado para o social sempre esteve presente no discurso expositivo dos museus.

## A MUSEALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

O ato de musealizar é composto por procedimentos básicos, pelos quais um bem (material ou imaterial) adquire o *status* de patrimônio: “[...] aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação” (CURY, 2005, p. 26). Essas ações que compõem as atividades desenvolvidas pelos profissionais da área museal, podem ser realizadas com objetos dos mais diversos tipos e suportes, e consistem na análise das etapas pelas quais um objeto passa até se tornar patrimônio musealizado, ou seja, a sua retirada de seu contexto primário para que se integre em uma nova

categoria de análise, agora como objeto museal.

Para compreender a legitimação de um patrimônio é necessário entender seu processo de musealização, ou melhor, no que consiste musealizar algo, que de uma forma inicial, pode ser entendida como a passagem do *objeto* para *documento*, ou seja, sua retirada de uma configuração real (sua função precípua) para se tornar um bem patrimonial. Em uma publicação do Comitê Internacional de Museologia do Conselho Internacional de Museus (ICOFOM) e Subcomitê Regional do Comitê Internacional de Museologia para a América Latina e o Caribe (ICOFOM LAM) comitês de trabalho e de debate sobre as questões teóricas da Museologia do ICOM, Desvallées (2000) define musealização como:

*Opération tendant à extraire une (ou dès) vraie(s) chose(s) de son (leur) milieu naturel ou culturel d'origine et à lui (leur) donner un statut muséal. C'est le constat de ce changement de nature qui a conduit Zbyneck STRANSKY, en 1970, à proposer de dénommer <<musealia>> (en français, <<muséalies>>) les objets de musées. La muséalisation commence par une étape de séparation ou de suspension. (Desvallées, 2000, p. 71)*

A suspensão consiste na retirada do objeto, que pretende ser musealizado, do seu local de origem (seu meio) para se inserir nos espaços museais e adquirirem a função de objeto de museu ou documento. Essa separação do objeto faz com que ele adquira novas funções, como a de comunicar ou entreter. É o que Francisco Ramos explicita ao dizer:

*Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses. (RAMOS, 2004, p. 17)*

A suspensão busca inserir o objeto no espaço do museu, ou lhe dar um tratamento museal, com a sua retirada de seu contexto original e de sua função precípua para se inserir em uma nova lógica, agora a patrimonial. Esse objeto passa então a ser um testemunho de uma determinada realidade, embora seja necessário afirmar que esse objeto/testemunho se constitui por si mesmo na realidade, mas apenas uma das possibilidades de interpretação desta.

*La musealización, como processo científico, abarca el conjunto de actividades del museo: el trabajo de preservación (selección, adquisición, gestión, conservación), de investigación (del que surge la catalogación) y de comunicación (por medio de la exposición, las publicaciones, etc.) o bien, desde otro punto de vista, las actividades vinculadas a la selección, la tesorización y la presentación de aquello que se ha transformado en musealia. No obstante, el trabajo de musealización solamente conduce a dar una imagen que no es más que un sustituto de esa realidad a partir de la cual los objetos son seleccionados. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2010, p. 51).*

Musealizar um objeto não se resume em colocá-lo no museu, este se insere em uma rede de relações e procedimentos técnicos, transformando-o em testemunhos de uma determinada cultura e sociedade, passando a se configurar como um suporte da informação, o qual será salvaguardado, pesquisado e comunicado. Essas ações buscam compreender a realidade do objeto, sem atestar uma realidade única e incontestável, mas compreender o objeto como gerador de informação, além da sua preservação e manutenção para uma posteridade.

A musealização insere o objeto/documento e a instituição museu em uma lógica patrimonial que tende para uma reflexão aprofundada do mesmo, com ênfase na pesquisa. No entanto, a todo o momento, quando se fala em musealização, relaciona-se com o objeto e esse, geralmente materializado. No entanto, como se musealizar algo que não é tangível?

A ampliação da noção de patrimônio, sobretudo com a globalização, impulsionada pelos países asiáticos e africanos que tem por base essencial a interação do conhecimento através da oralidade, que a partir da *Recomendação da Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, de 1993, abre possibilidades para se pensar o ser humano como patrimônio, ou seja, *tesouro humano vivo*. Este culmina em 2003, com a *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*, a qual prevê o registro do Patrimônio Imaterial Mundial (festas, celebrações, lugares, saber-fazer, entre outros).

No entanto, o que se vê quando se musealiza o patrimônio imaterial, são seus correlatos materiais, ou seja, objetos que podem expressar a imaterialidade do patrimônio em questão. Assim, traz-se como exemplos, dois museus brasileiros que abordam patrimônio imaterial, o Museu da Gente Sergipana, localizado na cidade de Aracaju, no estado de Sergipe, e o Museu do Círio, em Belém, no estado do Pará.

## **O MUSEU DA GENTE SERGIPANA – ARACAJU/SE**

O Museu da Gente Sergipana foi inaugurado em 2012, no prédio onde funcionava o Colégio Atheneu Sergipense, instituição ainda muito viva na memória na população sergipana. A ideia de criação do museu ocorreu em 2008, e se concretizou por meio da assinatura do Termo de Cessão de Uso entre a Secretaria de Educação do Estado de Sergipe e o Banco do Estado de Sergipe S.A (BANESE), mantenedora da instituição. A ação de criação do museu tinha, por objetivo principal, dar visibilidade a cultura e as tradições populares da sociedade sergipana, além de preservar as memórias e instalações do Colégio Atheneu, local escolhido para abrigar o museu.

O Museu da Gente Sergipana possui uma expografia repleta de recursos interativos, que possibilitam a aproximação do público com a cultura sergipana de diversas maneiras: através de sons, do toque, na criação de repentes, dentre outros. Sobre o efeito desejado na criação do circuito exográfico o curador Marcello Dantas ressalta:

*A coisa mais importante e duradoura que uma sociedade pode produzir é sua identidade. Mas identidade não é coisa que se possa comprar, guardar em cofre, nem dominar. Identidade é algo imaterial fortíssimo pelo qual somos possuídos ou não somos. Identidade é aquilo que nos une, se manifesta em nós mesmos quando nos reconhecemos diante de sua força. A única forma de vivenciara identidade é celebrando-a. O Museu da Gente sergipana não veio de uma coleção de objetos, mas de uma cultura aberta e pulsante. Para fazê-lo fomos ao mundo real buscar as pessoas, as imagens, os sons e as formas dessa realidade, e fomos à história buscar as suas razões (CATÁLOGO, 2013, p. 23).*

É possível observar no museu, na exposição de longa duração, um total de 14 recursos expográficos que possibilitam, de formas diversas, a interação entre o público e o tema exposto. São elas: Josevende (que representa um vendedor em uma barraca na feira e as formas de vendas e abordagens com seus potenciais compradores), Seu repente e Seu cordel (como o próprio nome diz, em um o visitante cria, improvisa um repente e em outro lê um cordel, ao final é feito um vídeo que pode ser postado ou não na internet), Nossos trajes (espelho das indumentárias), Midi-atca, Nossas histórias, Nossas praças, Nossos cabras, Nossas coisinhas (jogo da memória), Nossas festas (amarelinha), Nossos marcos (jogo de pião), Nossos leitos, Nosso pratos e Nossas roças.



*Figura 01 – Instalação Josevende. Julho de 2014. Foto: Sura Carmo.*

A *Figura 01* apresenta parte da exposição existente no Museu. Josevende é a instalação que recebe os visitantes do museu, localizada no 1º andar, aborda as vivências e peculiaridades de uma feira com produtos encontrados na região, a qual conta com a projeção de um feirante que tenta convencer os transeuntes a comprar os produtos. É possível observar trajes típicos, urupembas, martelo de quebrar caranguejo, candeeiros, maleta de couro, dentre outros.



*Figura 02 – Nossas praças. Julho de 2014. Foto: Sura Carmo.*

Nessa sala expositiva (Figura 02) é possível ver, em primeiro plano, uma simulação do antigo Carrossel de Tobias – carrossel famoso no Estado, que por décadas foi percorreu as cidades em suas datas festivas, sendo um dos principais parques das crianças sergipanas – e em segundo plano, um painel com praças sergipanas. Quando a visitante gira o carrossel, que possui trilha sonora característica, modifica-se as imagens das praças.



*Figura 03 – Nossas Coisinhas. Julho de 2014. Foto: Sura Carmo.*

Na Figura 03 é possível visualizar a instalação “Nossas Coisinhas”. Trata-se de um jogo da memória, com objetos da cultura sergipana, em miniatura, dentro de cubos de vidro, que giram, possuindo descrição deles em um dos lados. É interessante como uma instalação simples chama

a atenção do público visitante que tenta reconhecer as peças ou seus sinônimos, ou seja, como são chamadas em outras regiões do país.

No auditório do museu é projetado um vídeo de aproximadamente nove minutos que apresenta a restauração do edifício e as manifestações populares de todo o estado demonstrando a diversidade dos festejos sergipanos. Ainda é apresentado as paisagens e alguns cartões postais do estado como a Praça São Francisco, na cidade de São Cristovão. Deste modo, tenta-se mostrar a totalidade dos atrativos sergipanos, seja natural, construído pelas mãos do homem ou o próprio Homem. É enaltecida, de maneira igualitária, todas as microrregiões do Estado.

O museu se propôs a narrar, por meio de recursos interativos e alguns objetos expostos, aspectos do patrimônio imaterial de Sergipe, os saberes, os fazeres, os lugares de memória, entre outros. Na instalação “Nossas Histórias”, por exemplo, onde se encontra a maior parte de objetos expostos, a finalidade é contemplar o modo de confecção destes através de inúmeras narrativas que ocorrem simultaneamente na sala de exposição. Contudo, a exposição tem um caráter de enaltecimento da cultura sem realizar uma análise profunda sobre a sua formação e sem demonstrar as influências do mundo pós-moderno.

A exposição mostra ainda, através de uma abordagem memorialista, a história de personalidades históricas e artistas sergipanos. Se em todas as outras instalações o sujeito não tem nome e as representações apresentam grupos de sergipanos como o feirante, o cordelista, etc., na instalação “Nossos Cabras” é possível ouvir parte da biografia de Silvio Romero, Arthur Bispo do Rosário e de Maria Thétis Nunes.

Deste modo, a exposição de longa duração do Museu da Gente Sergipana busca contemplar os diversos elementos que formam a identidade do povo sergipano. A questão do imaterial é bem trabalhada pelos recursos expositivos e o patrimônio material é apresentado como vinculado a um modo de fazer ou uma festividade local. A presença de público mostra o sucesso do museu que além da temática tem nas novidades tecnológicas um chamariz de visitantes.

## **MUSEU DO CÍRIO – BELÉM/PA**

O Museu do Círio de Nazaré foi criado em 1986, mas foi reinaugurado em dezembro de 2002. Embora a ideia do museu tenha se concretizado antes do registro da celebração como Patrimônio Imaterial, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – que ocorreu em 2004 – o museu buscou, inicialmente, mostrar para o público a devoção do povo paraense a Nossa Senhora de Nazaré.

O primeiro módulo é composto pelos ex-votos que foram deixados na catedral ou ainda são deixados como graça alcançada. Entre os objetos de cera, característico dos ex-votos nota-se a presença também de um vestido de noiva e uma geladeira, entre os objetos deixados.

Nessa sala expositiva é possível ver, em primeiro plano, vitrine com o manto da imagem

de Nossa Senhora de Nazaré (um novo manto é confeccionado para cada novo Círio). Na parede lateral, na vitrine maior, há a os estandartes da procissão e ao fundo, uma vitrine com vários ex-votos de cera e à esquerda imagem da passagem da corda durante o Círio.

Uma vitrine contendo vestidos e asas usadas por crianças durante a procissão pontua em sua legenda o momento a partir do qual se tornou tradição a presenças das crianças vestidas de anjo, bem como caráter involuntário destas crianças no pagamento de promessas feitas por seus pais e parentes próximos.

Em um aparelho de TV é projetado um vídeo de aproximadamente quinze minutos. Mostra imagens dos devotos que pagam sua promessa fazendo o percurso da procissão segurando a corda que puxa a berlinda. Neste vídeo mostra também o caráter individual e o coletivo desses promesseiros no momento em que cada um busca ter acesso a um pedaço da corda para segurar e seguir a procissão. Em texto são apresentados a Santa, a berlinda e a corda, como os principais elementos das procissões do Círio de Nazaré, informando o visitante sobre a função destes e como cada um desses elementos ganhou significado devocional atual. Deste modo, nota-se que o museu busca contextualizar para o visitante o desenvolvimento da festividade localizando no tempo a inserção dos seus principais elementos.

O museu se propôs a narrar, por meio dos objetos materializados que compõem a devoção a Nossa Senhora de Nazaré e á celebração do Círio, realizado todo mês de outubro. O museu, em sua exposição vigente, procura mostrar os fatos, sem motivar no visitante uma abordagem mais crítica sobre a festividade.

A exposição mostra ainda duas festas que ocorrem durante o Círio já há algumas décadas e mobiliza significativo número de participantes, porém não guardam o mesmo sentido religioso, são o Arrastão do Pavulagem e a Festa da Chiquita. Esta consiste em um grupo de homossexuais, travestis, transgêneros e simpatizantes, que são representados por fotos e uma pequena escultura de um veado de ouro instalação que faz uma alusão à *Festa da Chiquita*, assim encerrando o circuito expositivo do museu.

Deste modo, a exposição de longa duração do Museu do Círio em Belém do Pará, busca contemplar os vários sentidos da festa, do sagrado ao profano. Mas, embora o tema do museu seja uma celebração imaterial, o que se percebe é o foco na materialidade por meio dos objetos expostos, sem um aprofundamento ou questionamentos sobre a festa, o ato da fé e outros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensar as exposições, os museus e seus acervos como uma ferramenta de decisão e engajamento social, passível de mostrar os anseios e sonhos de um determinado grupo ainda é uma realidade distante de muitos museus. Mas o que se tentou aqui foi mostrar que na própria história do museu esse viés social não foi evidenciado, se atendo a outras questões diretamente ligadas

com o objeto materializado, mesmo quando trabalhando com manifestações imateriais.

Os museus podem ser ferramentas de mudança social, como idealizado na década de 1960 pela Nova Museologia, o museu tem sim um caráter social, mas está escondido em tantos outros recursos e histórias, que não fica aparente ao seu público.

Uma das possibilidades de ampliar o debate que envolve a musealização do patrimônio imaterial e o uso das novas tecnologias nos processos expositivos é a adoção da História Oral aplicada à exposição desde a sua concepção, pois trata-se de uma metodologia interdisciplinar tanto em sua construção quanto nas possibilidades de sua aplicação (ALBERTI, 2011. p. 156).

Cabe ao museu se renovar, se reinventar, se mostrar. Seja por meio de sua exposição ou sua equipe. A mudança de terminologias não implica necessariamente na mudança de direção do museu, mas é o que se tem visto. Vamos dar ao museu as vozes que devem ser priorizadas: a da sua sociedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In. Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinski (Org.). 3ª Ed. Contexto, São Paulo, 2011.
- DÉDA, Ézio (Org.). Museu da Gente Sergipana: Catálogo. Aracaju: Instituto Banese, 2013.
- CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Coor.). Conceptos claves de la Museología. Traducido por Armida Córdoba. Paris: Armand Colin, 2010.
- DESVALLÉES, André (Coor.). Terminología Museológica: Proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM, mayo, 2000.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

